

# AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor: JOSÉ OITICICA

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A - 2.º ANDAR - SALA 2

Administrador: MANUEL PERES

ANO IV - N.º 57

Rio de Janeiro - Quinta-feira, 28 de Julho de 1949

Preço: Cr\$ 0,50

CAIXA POSTAL 4.538

O capitalismo particular chegou ao seu ponto crítico de desenvolvimento. Para salvar-se, este sistema de exploração e de roubo precisa transformar a chamada democracia em um Estado totalitário. Parece-nos que esta tarefa não lhe vai ser muito difícil, porque o instinto de rebanho, isto é, o nacionalismo, cultivado pelo Estado durante centenas de anos e principalmente depois da última guerra, é mais forte que o amor à liberdade e aos interesses particulares.

Para realizar este plano, já começaram a suprimir as poucas "liberdades" que nos restavam, transformando o povo em um rebanho, fiscalizado e oprimido por decretos e leis restritivos, em uma multidão intimidada de pagadores de impostos e multas, com a finalidade de fortalecer esta máquina sem alma, o Estado nacional.

Uma das tais democracias sustentou o fascismo, para depois jogar a bomba atômica sobre a população inocente de duas cidades, e burlou os povos com a Carta do Atlântico; outra proibiu o funcionamento dos sindicatos livres e roubou ao trabalhador, sob pretexto pueril, sua arma de luta, a greve, e prometeu as quatro liberdades, porém exige que o indivíduo ande, dentro de sua própria casa, munido com uma infinidade de papéis registrados, selados e carimbados, pois, em caso contrário, arriscar-se-á a ser tratado como criminoso.

## A MARCHA PARA O FASCISMO

Por GERMINAL



Nunca na história humana, exceto na Idade Média, em que dominou o fascismo negro, instalado pela Igreja Católica, viveu o povo sob tal fiscalização policial. Vivemos num Estado totalitário, fantasiado com o manto surrado da democracia, que se mete na vida de todos e regula "em nome do povo", cada passo de nossa existência. É uma tirania em desenvolvimento. O procedimento dos reis e da Igreja Católica nos tempos passados é bastante conhecido, mas as condições em que hoje vivemos são idênticas, senão piores.

Porém outra coisa precisa ser dita. É fato inegável, que tudo isso significa para os "bons e os justos" — os patriotas, esses eter-

nos crédulos — muito menos que suas paixões nacionalistas. Eles renunciaram em favor de seu idolo, o Estado, e seus símbolos, voluntariamente e com entusiasmo, ao gozo da liberdade positiva. São autômatos com aspecto humano, que biologicamente ainda vivem, mas cujos sentimentos estão mortos. Falam da liberdade, como pagagalos, mas como pode um autômato viver sua existência no sentido da auto-determinação? Para eles, o importante não é a liberdade, mas uma abstração — o Estado. Conformam-se com uma "liberdade" camuflada ou racionalizada. Dizem: — Queremos a liberdade! — Como se eles soubessem o que querem?! Subordinam-se às autoridades e adotam, desta maneira, um Eu alheio. Vivem sempre no passado, incapazes de olhar o futuro. Chamam-se realistas, e como tais, ridicularizam como utopia toda experiência de um novo modo sensato de pensar.

E os comunistas? Achem-se na mesma estrada. O ex-revolucionário Josef Stalin e seus cúmplices atigaram e animaram as paixões nacionalistas do povo russo com a mesma propaganda e as mesmas bandeiras nacionais, canções pa-

trióticas e uniformes, com as mesmas paradas e a mesma polícia, como nos países fascistas e democratas. Para consolidar o poder do Estado nacional, forçaram o povo a abandonar a idéia socialista e, com isto, frustraram todas as esperanças para melhores condições de vida. Reduziram ao mínimo a produção de artigos que serviam para o bem-estar do povo, porém concentraram a força produtiva na fabricação de material de guerra. Sufocaram com meios draconianos as aspirações do povo para a liberdade individual. Hoje está claríssimo para todos, exceto para os comunistas, que não vivem naquele paraíso, que a União Soviética não se desenvolveu para o cosmopolitismo, mas para o controle absoluto do Estado, para a dominação completa e total do povo russo, por um governo nacionalista.

Os democratas procuram saber se a implantação do fascismo é um perigo para a vida parasitária da classe dominante; sonham ainda com uma liberdade de decisão, que em realidade não mais possuem. A era de livre decisão passou; o totalitarismo vermelho forçava-os a desfaldarem sua bandeira com a cruz suástica. Não têm outra alternativa.

Hoje é, até certo ponto, possível comparar o desenvolvimento dos dois sistemas. O que verificamos é a mesma evolução do mecanismo do Estado nacional e o (Continua na pág. 3)

## FIGURAS DO ANARQUISMO



FRANCISCO ASCASO

A Revolução Francesa de 1789-1793 tem um significado: proclamou os Direitos do homem, abateu o feudalismo, o absolutismo monárquico e implantou a democracia.

A Revolução Russa de 1917 termina com o predomínio dos Tzarres, e, em nome do comunismo e do proletariado, implanta uma das mais cruéis ditaduras. A Revolução Espanhola de Julho de 1936 significa, por sua vez, o combate pela liberdade integral, a ação direta do povo contra o fascismo, o exemplo mais sério que a classe trabalhadora pôde dar ao mundo. Lutando e morrendo, heroicamente afirmou sua vontade inquebrantável de transformar a sociedade burguesa, em sociedade de livres produtores.

Entre aqueles homens que se batiam contra as hordas fascistas de Franco, Hitler e Mussolini, desejamos destacar a figura de Francisco Ascaso, membro da Confederação Nacional do Trabalho (C. N. T.) e da Federação Anarquista Ibérica (F. A. I.) e um de seus mais dedicados militantes. Seu espírito ardoroso, inquieto e vibrante levou-o a tomar parte em inúmeros episódios dentro e fora da Espanha, sempre em defesa das idéias anarquistas. E quando Franco traía a República, se subleva, Ascaso está nas primeiras filas de antifascistas, tombando sem vida no dia 20 de Julho de 1936, quando, a frente de uma multidão de mais de 10 mil trabalhadores procurava sufocar o levante fascista no quartel de Atrazanas (Barcelona).

Francisco Ascaso pensou, desde pequeno, no destino do homem. Todos os atos de sua vida tiveram por objetivo humanizar, aperfeiçoar e dar consciência ao homem. Podemos dizer de Ascaso que foi um militante anarquista que lutou incessantemente pela felicidade de toda a humanidade, e que, nesta incansável luta, deu a própria vida, que é o máximo que pode dar um homem.

Em toda a história da classe operária, nenhum gesto teve maior significação, que o realizado pelos trabalhadores da Espanha. Sua epopéia combativa e criadora é o mais alto galardão do proletariado. Recordar esta data não vale só como homenagem a um povo heróico que sofre e luta em terríveis condições contra a tirania franquista. Vale também como estímulo para os que persistem na empresa de libertar a sociedade de todos os jugos realizando o sonho dos grandes precursores, o ideal insuperável de luta social: emancipar o mundo trabalhador. E nesta luta, na primeira fila, se encontram os anarquistas que, como Francisco Ascaso, ou vivem para ser livres, ou morrem para deixar de ser escravos.

covarde, aliado aos satélites de Stalin, ordenava o massacre dos militantes da C. N. T., os mesmos que o salvaram na madrugada trágica de 19 de Julho de 1936!...

Se o fascismo foi cruel e covarde, atentando contra os direitos e a liberdade do povo espanhol, mais covardes foram as chamadas nações democráticas, porque estas tinham o dever iniludível de defender a integridade política da República Espanhola. Estas Democracias, ao verem desde os primeiros momentos, quando vencido o fascismo em Madrid, Valência e Barcelona, a capacidade construtiva da C. N. T. e do anarquismo para organizarem a nova vida social, instaurando o verdadeiro socialismo, pensaram na repercussão que a Revolução Espanhola teria em todo o continente europeu, e conspiraram para impedir o triunfo dos trabalhadores. E foi justamente um socialista, Léon Blum, quem criou o fatídico Comitê de

(Conclui na pág. 2)

## DOIS PACIFISMOS

Por uma aluna da Faculdade de Filosofia

Agora, quando, de novo, tanto se fala de paz e quando norte-americanos e seus vassallos, de um lado, e russos e demais partidários da ditadura do partido comunista, de outro, nos buzinam os timpanos com paz e mais paz, é oportuno que digamos algo sobre o assunto, dando a conhecer, uma vez mais, ao público, o nosso ponto-de-vista sobre o momentoso tema: "Que se entende por pacifismo?"

Para uns, é a doutrina que visa estabelecer uma situação moral e econômica entre as nações e tribos, de tal sorte que elas não guerreiem mais umas contra as outras. Tal pacifismo cultiva as idéias de pátria e de independência nacional e adota como divisa: "Se queres paz, prepara a guerra!" (ou "prepara-te para a guerra", o que dá no mesmo, embora a primeira frase traduza mais justamente e com mais verdade a célebre expressão latina). Esta concepção do pacifismo pertence, como os leitores sabem, aos reacionários, aos conservadores, de todos os matizes, desde os corifeus da democracia capitalista norte-americana até os sumos pontífices da ditadura petroletária, que hoje domina a Rússia, passando pelos partidários de Hitler, de Mussolini, Perón, Salazar e Franco.

Para outros, pacifismo é a doutrina que visa exterminar para sempre o mórbus da guerra, extinguindo as suas causas econômicas e psicológicas. Na opinião dos que perfilham o segundo ponto-de-vista, as causas econômicas da guerra desaparecerão da face do planeta somente no dia em que se conseguir a unificação econômica do mundo. Muitos caminhos conduzem a tal unificação. Efetivamente, quer queiram, quer não, o mundo será unificado, isto é, convertido numa só e grande nação:

— pelos inventores, graças aos seus inventos, que encurtam as distâncias e o tempo;

— pelos técnicos, que utilizam as invenções e descobertas da ciência, para organizar racionalmente os meios de produção, e deste modo repartir o trabalho entre os homens e as regiões econômicas em que o mundo se divide;

— pelos trabalhadores, que se unem por cima das fronteiras para darem a batalha final ao povo de mil tentáculos, chamado Capitalismo, que prega a religião do patriotismo para manter separados os povos e mais facilmente dominá-los;

— e até pelos financistas, auxiliados pelos militares, que, por meio de guerras e de trustes financeiros, estabelecem grandes "ententes" ou coligações econômicas de nações, cada vez mais poderosas e também menos numerosas.

Estes caminhos conduzem, através de guerras e revoluções sangrentas, à anulação das nações e do regime capitalista. Nem todos esses caminhos servem, porém, aos verdadeiros, aos sinceros amigos da paz, mas, alguns deles, somente aos homens irracionais, que, enlouquecidos pela cólera, lançam mão de recursos que eles censuram aos seus adversários.

Ora, a ciência e a técnica, fecundadas pelas generosas utopias dos ideólogos do socialismo libertário, revolucionam o mundo e farão desaparecer a principal causa econômica das guerras, que é a divisão da humanidade em nações, em pátrias estreitas e egoístas, dominadas por interesses exclusivistas e contraditórios, que provocam o choque entre elas e fazem deflagrar a chispa das guerras sangrentas. Os fatores psicológicos das guerras, não menos importantes do que os econômicos, fã-los-ão desaparecer os verdadeiros pacifistas, que são os sinceros revolucionários sociais, inspirados por uma ideologia sã, que substitui o distico sedico por este: "Se queres a paz, prepara a paz!"

A paz está na mente e nos corações dos trabalhadores. Portanto, a atividade dos autênticos pacifistas deve consistir em: enraizar nas mentes e nos corações dos seus amigos e camaradas e de todos os homens, entre outros meios, pela prática do esperanto, o sentimento anacionalista, cosmopolita, que desterre do cérebro de todos as idéias estreitas das fronteiras e da religião da pátria, a mais sangrenta de todas as religiões do nosso tempo, e faça de todos os homens, conscientes "cidadãos do mundo"; aguar nos trabalhadores a consciência dos seus interesses de classe, para que eles lutem, por meio da greve, contra todas as espécies dos seus exploradores; eliminar o dinheiro, arma da "mais valia" e da exploração do homem pelo homem; e estabelecer no mundo o verdadeiro socialismo, substituindo a fórmula rígida da oferta e da procura (que hoje domina sangrentamente a humanidade produtora, por meio do regime de ferro do salarizado), pela economia distributiva preconizada pelo comunismo libertário.

## Julho Histórico

DA TOMADA DA BASTILHA À REVOLUÇÃO ESPANHOLA

Por MANUEL PERES



O mês de Julho tem recordações muito gratas para a humanidade, já que no seu decurso foram escritas as páginas mais brilhantes das lutas pela liberdade e pela dignidade do homem, disposto sempre a romper as correntes trágicas da exploração e da tirania. No dia 14 de Julho de 1789, o povo de Paris tomava de assalto a Bastilha, e este gesto heroico culminou na grande revolução, que derrocando o regime feudal proclamou os chamados *Direitos do Homem e do Cidadão*.

O 19 de Julho de 1936 recorda a epopéia grandiosa do povo espanhol, que respondendo às provocações do fascismo internacional, que havia preparado a sublevação Franco-falangista para iniciar com ela a sua obra de dominação, demonstrou ao mundo como se luta e como se defendem os princípios fundamentais da liberdade humana. Foi o povo, exclusivamente o povo, o que sofreu e trabalha, que num gesto heróico, e a peito descoberto, marchou pelas ruas de Madrid e de Barcelona, para conquistar a golpes de audácia e de heroísmo, os maiores baluartes do inimigo, que eram os Quartéis de Atrazanas, e o da Montaña, na capital da Espanha.

Nem o governo de Casares Quiroga, nem os partidos políticos, tiveram energias para evitar o gesto de Franco, embora tendo nas mãos todos os poderes, e dispondo de forças armadas para deter, antes do golpe, os conspiradores. Dado o grito de revolta pelo fatídico Caudillo, o chefe do governo republicano, que um dia chamara aos homens da C. N. T. e da F. A. I. de *Bandidos com Carnet* e perseguira a sangue e fogo os seus sindicatos, abandonando sua covardia, abandonando precipitadamente o cargo de Pri-

meiro Ministro. E se o fascismo não triunfou nas primeiras 48 horas, foi devido ao heroísmo do povo, da classe trabalhadora, que conseguiu dominar os sublevados em Catalunha, Aragão, Levante, Madrid, Astúrias, Provincias Vascongadas, e parte de Andaluzia, Extremadura, e Baleares.

Embora reconhecendo o heroísmo do povo, integrado por homens de todas as organizações e partidos políticos da esquerda, é justo destacar a obra grandiosa da C. N. T. e da F. A. I., pois foram estes organismos os que mais lutaram e maiores sacrifícios fizeram para deter a marcha reacionária do inimigo. Não podemos esquecer as palavras de Luiz Companys, então Presidente da Catalunha, quando, após a derrota dos fascistas em Barcelona, graças ao heroísmo dos homens da C. N. T., afirmava à comissão, que a seu pedido o visitara, a sua admiração, com as seguintes palavras, que eram uma demonstração veemente da sua própria impotência: — "Meus amigos, reconheço sinceramente que a C. N. T. e a F. A. I. nunca foram tratadas pelos homens da República com o respeito que merecem; pelo contrário, foram perseguidas a sangue e fogo. Eu mesmo, que em outros tempos militei nas vossas fileiras e conhecia o valor construtivo e revolucionário de vossas organizações, fui obrigado a perseguí-las em virtude das conveniências políticas e partidárias. E a realidade acaba de demonstrar-me como fomos injustos, já que perseguidos ontem, hoje, nos momentos de perigo, e esquecendo as infâmias de que fostes vítimas, com heroísmo sem igual, acabais de vencer os militares fascistas. Perante vós, nem eu, nem o meu governo, nem os partidos políticos que até agora dominaram a Catalunha, representamos nada, nem inspiramos confiança ao povo. Como vencedores todo o poder da Catalunha vos pertence, e eu coloco nas vossas mãos os seus destinos..."

Não quis a C. N. T. assumir o poder que lhe era oferecido; compreendia que a luta era de todo o povo espanhol, e num gesto nobre e generoso, permitiu que Companys continuasse à frente do governo, oferecendo-lhe lealmente o seu concurso. E era este mesmo Companys que, um ano mais tarde, em Maio de 1937, num gesto desleal e





